

UMA PEQUENA
CIDADE DE MUITAS ALCUNHAS

nr. 16
e 11.02.1984

Extraído do Jornal EQUIPE - Edição
d

Neste momento nossos leitores iniciam uma viagem pelo criativo mundo da imaginação, durante a qual, de uma maneira divertida, vão se descobrir identificando as pessoas e a si mesmos.

Inicialmente, e como se vocês estivessem adentrando no espaço misterioso de uma selva enigmática.

Ali se encontram: Bem-te-vi, Tucano, Bodinho, Galinha, Gavião, Macaco, Piriá, Pulga, Perereca, Barata, Parrola, Frango, Patão, Canarinho, Jacaré, Gato e Bugiu.

Numa pequena clareira, vão se deparar com estranhos e delicados objetos: Marreta, Gaiola, Zarcão, Chaveirinho, Faquinha, Charuto, Palito, Fordinho e Fuscão.

Fome não haverão de passar. Alguma coisa para comer podem achar: Linguíça, Rapadura, Rosca, Biscoito, Mé de Bêia e Macarrão.

Tipos físicos dos mais expressivos dividirão com vocês intensas emoções: Bigodinho, Saberê, Bundinha, Chinês, Cigano, Meio Quilo, Bolero, Poleiro, Casca, It, Baiano, Brasa, Margoso, PR, Tisgo, Feio, Veneno, Maninho, Véio, Ajutorinho, Espirro e Vovô!

Que surpresa a cada passo! Bem logo outros três integrantes deste cenário especial serão conhecidos: Duca, Bispo e Julião.

Sabe-se, que onde está a Padaria do sr. Antonio Figueiredo, na rua Dr. Jefferson, funcionou, também, um cinema no prédio que foi construído pelo sr. Atílio Bellato e que durante muito tempo foi sua loja de ferragens.

Depois os Srs. Ernesto Baldim e José Martins dos Santos instalaram um cinema no Salão Paroquial e já era com som, isto é cinema falado. Após alguns anos eles venderam o cinema para o sr. Ildeu Moraes Coutinho, que veio de Silvianópolis para residir em Monsenhor Paulo.

Isso tudo para dizer que o jovem paulense de hoje não imagina como iam ao cinema os jovens do século passado. Os filmes chegavam pela "jardineira" do Sr. Pedro Silveira vindos da estação da Rede Mineira de Viação em Campanha. Quando os filmes chegavam, em "rolos" acomodados em latas redondas, era um acontecimento. Cada lata trazia uma parte do filme e a certeza de um divertimento para a noite. O Salão Paroquial era o local e o proprietário do "cinema",

era o Ildeu, cunhado do Sr. João Magalhães (João Farmacêutico). O público gostava de ficar nas primeiras filas de cadeiras de madeira, para "ver mais de perto os artistas". Era comum a fita arrebentar-se, porque geralmente antiga e mal conservada. As luzes eram acesas e enquanto o "operador" tentava emendar as pontas do celulóide, os fumantes aproveitavam para sair para a rua e fumar um cigarrinho. Feito o conserto, alertados pelo porteiro, retornavam aos seus lugares para a continuação da projeção. Não raro acontecia de o operador trocar as partes do filme e o expectador ficava sem entender nada e vaiava. Depois do reparo feito a sessão continuava.

Os filmes eram "Far-west", a torcida para o mocinho era acompanhada de palmas e muita algazarra; romances, filmes de guerra e na Semana Santa a famosa "Vida, paixão e morte de Cristo" era programação certa. O projetor era usado e quando "pifava" gerava a maior expectativa se seria ou não consertado até a hora da sessão começar. Certa feita um espirituoso sugeriu que se desenrolasse o filme da porta da igreja até o Bar Avenida e as pessoas olhassem diretamente da fita. Depois da exibição do filme seguia-se o "seriado" a moda das novelas atuais, cada semana era exibido um capítulo. O Falcão Mascarado foi o seriado de maior sucesso entre os jovens. Hopalong Cassidy, Cisco Kid, Jesse James, eram nossos caubóis preferidos e que alguns filhos de fazendeiros tentavam imitá-los com seus quadrúpedes pelas ruas empoeiradas da Ponte Alta. Com o advento da televisão e suas novelas o cinema de Monsenhor Paulo encerrou suas atividades. Se algum dia volta...só Deus sabe.

A vontade de crescer na vida é mais forte que os apelos do Velho Bar me faziam, para junto dele, sobreviver aos tempos. Parto para a cidade grande em busca de realização profissional, vejo a agonia do meu querido bar aumentar e rapidamente cerrar os olhos. Bar Avenida, quanta saudade me traz. Bar Avenida, um cafezinho! ...

Ronaldo Américo Baldin - Guaçuí - ES - fevereiro de 2004

ENTERRO DE ANJINHO

Vera Lúcia Belato Baldim □

Na década de 50, era bastante alto o índice de mortalidade infantil no país. Em nossa querida Monsenhor Paulo não podia ser diferente.

Quando menos se esperava, uma música bastante triste era ouvida em toda a cidade e o alto-falante da igreja anunciava que o céu ganhara mais um morador. Todos eram convidados para o sepultamento, principalmente a criançada.

Como o fato, infelizmente, era bastante corriqueiro e o horário do enterro muitas vezes impróprio para os adultos envolvidos na lida diária, era muito comum que o acompanhamento fosse feito quase que exclusivamente por crianças, as quais disputavam as alças do “caixãozinho”, no desejo de participar de maneira mais completa, de tal ato de fé e solidariedade.

Nos anos cinqüenta Monsenhor Paulo não possuía a Praça de Esportes, o Clube dos 100 e nem se conheciam piscinas particulares. A molecada se virava nos ribeirões para aprender a nadar. A maioria procurava o Poço dos Pereiras.

O Poço ficava nas terras do Sr. Domingos Pereira, marido de D. Tilica. Nos dias de calor partíamos para lá.

Descíamos a rua do Sr. Américo Silveira, hoje entrada asfaltada da cidade, logo abaixo começava a propriedade do Sr. Domingos, passávamos por baixo de uma cerca de arame e depois de percorrer uns cem metros de trilha no meio do pasto, saltando os pés de guanxuma amarrados pelos que iam antes, chegávamos ao poço, nossa piscina natural. Um verdadeiro paraíso.

A primeira providência era tirar a roupa, toda roupa, todo mundo nu. Clube do Bolinha só meninos e marmanjos, no maior respeito, é claro.

Algumas figurinhas difíceis se destacavam no ambiente: Biíca, o “Falcão Mascarado” mergulhava dos galhos das arvores que margeavam nosso poço. Tibum dentro d’água e aplausos.

Nivaldo da Tiana Rosa o maior de todos e uma espécie de Xerife. Todos respeitavam.

Luizinho da Sá Luiza, vulgo Tiziu, por ser o menor da turma era o preferido para ser afogado pelos marmanjos.

Outros freqüentadores assíduos: Tonho do Olímpio, Mário do Zoroastro, Luiz Arnaldo e tantos outros.

O Poção tinha a parte funda, denominada “cabeceira”, na entrada da água que vinha das terras do Sr. Luiz Tavares, onde nadavam e mergulhavam os marmanjos; na parte rasa onde saía a água, ficavam os menores e aprendizes. Chegar nadando até a cabeceira era a glória.

Quando havia enchente o Poção mudava sua conformação, na parte funda acumulava muito barro e era comum algum mergulhador distraído sair do mergulho com a cara toda cheia de barro, para alegria dos “assistentes”.

Assim, naquele meio de algazarras e brincadeiras muitos paulenses aprenderam a nadar.

Logo abaixo do Poção havia uma várzea onde, na época das chuvas, formavam-se poças de água parada que ficavam quente com o sol, eram nossas piscinas térmicas. Os meninos daquela época parece que eram mais resistentes ou mais protegidos por Deus. Hoje se um garoto destes de computador e fliperama fizer isso certamente ficará todo empestado.

Nas noites quentes de verão íamos nadar à noite. Levávamos velas que eram acesas e

cumprida, desfazendo as angústias e as inquietações daqueles que haviam pedido uma encomenda: um saco de açúcar do armazém do Fonseca, um remédio da farmácia do Messias, receitado pelo Dr. Oliveira e ou Dr. Manoel; um sapato, uma agulha, um tecido da loja do Elias Bacha, um saco de cimento do Chico Gama, retratos da Foto Araújo do “seu” Paulino, uma galinha – pois essa Jardineira era pau para toda obra – e trazia de volta correspondências que representavam a esperança, e a curiosidade de todos nós:

- Quem chegou? Aquele é o fulano?

- Olha, parece a fulana.

- Não conheço. Será o sicrano?

Ah! Tínhamos lá nossas bisbilhotices...

A Jardineira era o elo da cidade com o exterior. Sem ela, a cidade ficava prostrada, sem Correio, sem encomendas, sem ninguém poder sair ou chegar, pois em muitas ocasiões foi o único meio de locomoção daquela Monsenhor Paulo tão querida.

“Oh! jardineira, por que estás tão triste? Foi a camélia que caiu do galho, deu dois suspiros e depois morreu”. Não. Essa nossa Jardineira nunca foi triste e nunca morrerá. Ela faz parte de nossas vidas, de nossas lembranças, de nossa história.

A nossa Jardineira foi o ganha pão de seu fiel proprietário Sr. Pedro Silveira. Com a ajuda dela uma família maravilhosa de onze pessoas nasceu, cresceu e está brilhando em diversos setores profissionais. O Sr. Pedro foi sem dúvida o nosso “pombo-correio”, o mensageiro de todos nós, sempre eficiente e correto. Juiz de futebol, não hesitava marcar um pênalti contra o nosso time no último momento do jogo, mesmo que estivéssemos ganhando por 1x0...

Bom, mas essa é outra história que fica para depois... Agora, é a hora da Jardineira.

Na verdade a garota é linda e sensual. Como escreveu o poeta Vinicius de Moraes “quanto mais velho nos ficamos, mas lindas as garotas ficam”, certíssimo o poeta que deve estar no purgatório, sim porque no inferno tenho certeza que não esta e o céu e muito enfadonho para ele. Deve estar lá em companhia de Ulisses Guimarães, meu amigo Sandy, minha amiga Jane e tanta gente animada que passou por aqui e se foi. “O senhor vai pagar com dinheiro ou cartão” era o frentista me tirando dos devaneios. Entrego o cartão e vejo a garota de jeans sumir na Cristiano Machado, barulhenta, cheia de obras e transito infernal.

Atrás do clube

ARPA – Associação Recreativa Paulense – para quem ainda se lembra dele nos velhos tempos.

Vi sua construção, uma coisa imensa aos meus olhos de criança. Ficava fascinado!

Foi ali naquele clube, localizado em frente à casa de meus pais, que “ouvi” muitos bailes (durma-se com um barulho daqueles!).

Ficávamos no alpendre de casa vendo o movimento de pessoas e de carros. Passavam por ali algumas mulheres bem produzidas e muitos homens, nem tão bem acabados.

A melhor parte era esperar pelo final do baile para vermos as brigas que quase sempre aconteciam. Algumas inesquecíveis.

Minha casa era como se fosse a última parada das moças, amigas de minhas irmãs, para um retoque na maquiagem, uma ajeitadinha nos cabelos, uma passadinha de batom, um xixizinho...

“Tia Jane” era uma dessas amigas. Lembro-me bem dela sempre alegre! Com tantas mulheres a casa ficava mais cheirosa pela variedade de perfumes. E lá iam minhas irmãs para o baile (se o pai deixasse).

Na manhã seguinte costumávamos andar ao redor do clube procurando coisas, porque sempre alguém perdia uma moeda, uma correntinha, mas, na maioria das vezes, achávamos copos, garrafas, absorventes, camisinhas e outras coisas mais.

As melhores lembranças são as brincadeiras que aconteciam atrás do ARPA: futebol, bolinha de gude, arco e flecha, pipa, Tarzã, polícia e ladrão e outras.

Era um terreno grande de terra batida, barrancos e muitas árvores. Foi ali que fizemos o nosso campinho, que tinha somente um gol com traves de bambu. Lógico que não possuía rede.

O gol foi colocado estrategicamente num local que, se a bola passasse por ele, ia parar no barranco (economia de gandula!).

Ali juntavam primos, irmãos, colegas de escola. Tinha dia que ficava uma turma literalmente “no barranco” aguardando a vez para jogar.

Só tínhamos que tomar cuidado com o saudoso Sr. José Martins, que não sei bem ao certo, parece que zelava pelo clube e adjacências. Era ele aparecer e a molecada sumia num piscar de olhos. Levamos várias broncas dele porque ora quebrávamos vidros, ora quebrávamos telhas, na tentativa de recuperar a bola, devido ao “pé torto” de alguns atletas.

Um dia aquela trave de bambu serviu para outra coisa. Um primo fez uma falta desleal em mim que me deixou furioso. Foi a conta de me levantar, sacudir a poeira, arrancar uma delas e sair dando bordoadas sem parar. Ah se eu acertar!

Acalmados os ânimos, a trave foi recolocada e o jogo reiniciado, sem mágoa nem rancor, como são as brigas de criança.

Brincávamos ali quase todos os dias e, quase sempre voltávamos para casa ralados, roxos e quase estropiados. Mas não desistíamos nunca. No outro dia estávamos todos lá de novo.

Hoje não há barranco, primos, traves e nem árvores. O terreno foi aplainado e cercado por muros e grades.

Atualmente, quando vou visitar Monsenhor Paulo, sempre dou um jeitinho de ir lá atrás do ARPA. É tão perto! Ele continua em frente à casa de meu pai (ou é a casa de meu pai que continua em frente ao clube?).

Aí, vem todas essas lembranças que fizeram parte de minha infância.

Às vezes levo meu filho lá também e mostro onde ficava o gol, o barranco, a árvore grande...

Parece que até ouço o Sr. José Martins dando bronca na gente!

- Você ouviu isso, Raí?

- Não pai, sossegue. São só suas lembranças!

